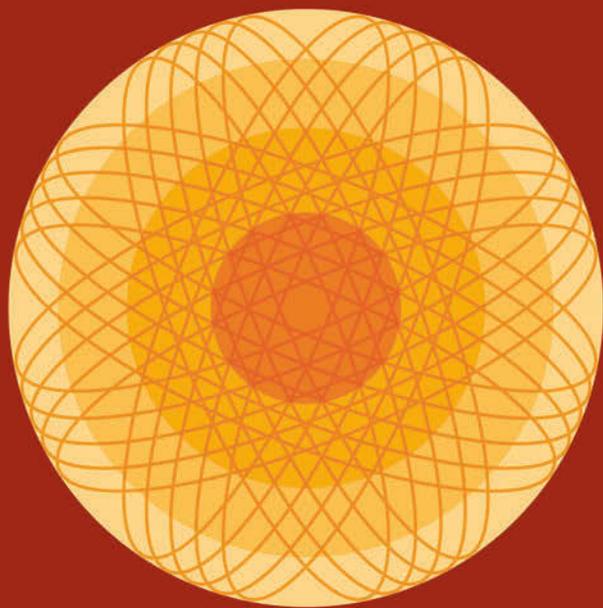


LUDMILA ULITSKAYA



CASO KUKÓTSKI



cavalo de ferro

La vérité est du côté de la mort.

SIMONE WEIL

A partir de finais do século XVII, todos os antepassados de Pável Alek-séevitch Kukótski, da parte do pai, eram médicos. O primeiro deles, Avdei Fiodorovitch, foi mencionado numa carta de Pedro, o *Grande*, escrita em 1698 para a cidade de Utrecht e endereçada ao Professor Frederik Ruysch, a cujas aulas de Anatomia o imperador russo, sob o nome de Piotr Mikháilov, assistira um ano antes. O jovem monarca pediu-lhe que admitisse nos estudos, por razões «de vocação», um tal Avdei Kukótski, filho de um ajudante de farmácia. Donde provém o apelido dos Kukótski, isso não é conhecido com uma certeza absoluta, se bem que, de acordo com a lenda familiar, o seu antepassado Avdei fosse originário do lugarejo de Kukui em que, na época de Pedro, o *Grande*, foi construído o subúrbio Nemétskaia¹.

Desde então, o nome dos Kukótski aparece ora nos diplomas de condecoração, ora nas listas das escolas instituídas na Rússia de acordo com os Decretos de 1714. O serviço após os estudos nessas novas escolas abria à gente de «baixa extracção» o caminho para a fidalguia. Uma vez estabelecida a escala hierárquica das patentes, os Kukótski passaram a pertencer, e merecidamente, «à melhor fidalguia superior, em todas as qualidades e vantagens». Um dos Kukótski foi mencionado nas listas dos estudantes do doutor Johannes Erasmus de Estrasburgo, o primeiro médico da Europa Ocidental que leccionou na Rússia, entre outras disciplinas médicas, a «arte obstétrica».

1 «Subúrbio alemão», bairro de Moscovo onde habitavam os estrangeiros, principalmente alemães. (*N. dos T.*)

Pável Alekséevitch, ainda em criança, começou a sentir um secreto interesse pela contextura de tudo o que era vivo. Às vezes – normalmente enquanto esperava pelo jantar, naquele espaço de tempo indefinido que não era preenchido por nada – conseguia introduzir-se à socapa no gabinete do pai e, com o coração desfalecido, tirava do armário sueco com pesados vidros de correr, da prateleira do meio, os três almejados tomos da enciclopédia médica de Platen e acomodava-se com eles no chão, no cantinho acolhedor entre a saliência do fogão holandês e o armário. No fim de cada volume havia figuras desdobráveis de um homem de bochechas rosadas e bigodinho preto, e de uma senhora muito decente mas bastante grávida com o útero escancarado para expor bem o feto. Era provável que, por causa desta figura tida simplesmente por toda a gente – nada a fazer! – como a de uma mulher nua, o rapaz ocultasse dos familiares os seus estudos, receando ser acusado de coisas feias.

Tal como as meninas não se cansam de mudar a roupinha às bonecas, Pável passava horas a fio a montar e a desmontar os modelos de cartolina do homem e dos seus órgãos. As pessoas de cartolina eram, a par e passo, despidas da indumentária da pele, dos estratos da saudável musculatura cor-de-rosa, tirava-se-lhes o fígado, a ramagem dos pulmões no tronco de traqueias elásticas e, por fim, desnudavam-se-lhes os ossos, pintados de um amarelo-escuro que lhes dava o aspecto de absolutamente mortos. Como se a morte nunca deixasse de estar escondida dentro do corpo humano e apenas à superfície a envolvesse a carne viva – nisto iria Pável Alekséevitch reflectir muito mais tarde.

Foi ali, no nicho entre o fogão e o armário dos livros, que o seu pai, Aleksei Gavrilovitch, o apanhou. Pável já se preparava para uma reprimenda, mas o pai, depois de olhar para ele do alto da sua enorme estatura, apenas sorriu e prometeu dar ao filho uma coisa bem melhor.

Passados alguns dias, o pai deu-lhe efectivamente uma coisa melhor – era o *Dell'Anatomia*, cópia de um códice de Leonardo da Vinci em dezoito folhas com duzentos e quarenta e cinco desenhos, editado por Sabáchnikov em Turim no final do século XIX. O livro era de um luxo extraordinário, tendo sido a sua tiragem de trezentos

exemplares numerados à mão, e tinha uma dedicatória do próprio editor: Aleksei Gavrílovitch fizera uma cirurgia a alguém da família de Sabáchnikov...

Ao entregar o livro ao seu filho de dez anos, o pai disse:

– Toma, vê... Leonardo foi o primeiríssimo anatomista do seu tempo. Ninguém desenhava as peças anatómicas melhor do que ele.

O pai continuava a dizer mais qualquer coisa, mas Pável já não o ouvia. O livro, mal o abriu, inundou-lhe os olhos de uma luz deslumbrante. A perfeição do desenho era multiplicada pela incrível perfeição do objecto, fosse o braço, a perna ou o músculo tibial tricípite que Leonardo denominava, amigavelmente, de «peixe».

– Aqui, em baixo, tens a história natural, a zoologia e a anatomia comparada. – Aleksei Gavrílovitch chamava a atenção do filho para as prateleiras de baixo. – Podes vir aqui e ler.

Pável passou no gabinete do pai as horas mais felizes da infância e da adolescência, admirando as espantosas articulações dos ossos, que asseguravam o processo polifásico de pronação e supinação, e emocionando-se quase até às lágrimas ao estudar o esquema da evolução do aparelho circulatório, desde um simples tubinho com as finas inclusões de filamentos musculares da minhoca até à maravilha de três tempos, o coração humano de quatro cavidades, ao lado do qual o móbil perpétuo parecia um exercício para os alunos mais fracos da escola. Aliás, o mundo terrestre em si afigurava-se-lhe como um grandioso móbil perpétuo a trabalhar com os próprios recursos que residiam no movimento latejante do vivo até ao morto, do morto até ao vivo.

O pai ofereceu a Pável um pequeno microscópio de cobre com ampliação de cinquenta vezes, e a partir de então todos os objectos que não pudessem ser estirados na lâmina de vidro deixaram de interessar ao rapazinho. Do mundo que não cabia no campo visual do microscópio apenas prestava atenção àquilo que coincidia com as espantosas imagens observadas através da binocular. Por exemplo, um ornamento da toalha de mesa atraía-lhe o olhar porque lhe lembrava a estrutura do tecido muscular estriado...

— Escuta, Eva — dizia Aleksei Gavrílovitch à mulher —, só tenho medo de que o Pável não venha a ser médico, porque tem uma cabeceira de ouro... Devia ir para ciências...

O próprio Aleksei Gavrílovitch passou a vida a cumprir o duplo fadário do trabalho pedagógico e da prática médica: era director da cátedra de Medicina de Campanha e continuava a fazer cirurgias. No curto intervalo entre as duas guerras, a russo-nipónica e a Primeira Grande Guerra, trabalhou como um possesso, criando a escola moderna de medicina de campanha e, simultaneamente, tentando despertar a atenção do Ministério da Guerra para o facto, óbvio para ele, de que o conflito seguinte seria de uma natureza diferente e de que o novo século testemunharia guerras de outra escala, com outras armas e novas práticas na medicina de campanha. O sistema dos hospitais de campanha, na opinião de Aleksei Gavrílovitch, tinha de ser revisto por completo, devendo centrar-se o maior esforço na rápida evacuação dos feridos e na criação de hospitais especializados e centralizados...

A guerra com a Alemanha começou mais cedo do que Aleksei Gavrílovitch tinha previsto. Partiu, como se dizia na altura, para o teatro de acção militar. Foi nomeado chefe daquela mesma comissão que ele, nos tempos de paz, exigira em vão. Agora não tinha mãos a medir porque a torrente de feridos era imensa, mas o seu projecto sobre os hospitais especializados não passara do papel: antes da guerra, não tivera tempo de derrubar os muros burocráticos.

Depois de um assanhado conflito com o Ministério da Guerra, abandonou a própria comissão e ficou a chefiar apenas os hospitais móveis. As salas de operações sobre rodas, montadas em carruagens *Pullman*, recuavam de par com o debilitado exército através da Galícia e da Ucrânia. No início do ano de 1917, um projectil de artilharia acertou na carruagem da cirurgia, e Aleksei Gavrílovitch morreu juntamente com o seu paciente e a enfermeira.

No mesmo ano, Pável ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de Moscovo. No ano seguinte foi expulso porque o pai tinha sido nada mais, nada menos do que coronel do exército czarista. Passado mais um ano, por solicitação do professor catedrático Kalíntsev,

velho amigo do pai e director da cátedra de Obstetrícia e Ginecologia, Pável foi readmitido no curso. Kalíntsev levou-o para a sua cátedra e assumiu o risco de o proteger.

Pável estudou com a mesma paixão com que um jogador joga e um bêbedo bebe. Devido à sua obsessão pelos estudos, ganhou a reputação de «tipo esquisito». Diferentemente da mãe, senhora mimada e caprichosa, quase não reparava nas privações materiais. Para ele, depois da morte do pai parecia não haver mais nada a perder.

No início de 1920, os Kukótski foram expropriados da maior parte da casa – alojaram mais três famílias, deixando para a viúva e o filho o antigo gabinete do falecido. O corpo docente da universidade, que a grande custo ia sobrevivendo sob o novo poder político, não os podia ajudar, até porque também sofria sérias restrições e o medo da revolução continuava bem vivo: os bolcheviques já haviam demonstrado que para eles a vida humana, pela qual estavam habituados a lutar esses *putrefactos intelectuais*, não valia um chavo.

Eva Kazimierovna, mãe de Pável, era afeiçoada aos seus bens e poupada. Atulhou a sala com quase todos os móveis da família, as loiças e a roupa de Varsóvia. O respeitável gabinete do pai, outrora espaçoso e prático, converteu-se numa espécie de armazém e, por mais que Pável pedisse à mãe que alijasse os trastes a mais para desanuviar o espaço, esta apenas chorava e abanava a cabeça: eram as últimas coisas que lhe restavam da vida antiga. Não obstante, as necessidades obrigavam-na a vender e, aos poucos, foi levando para a praça o enorme conteúdo dos baús – calçado, colarinhos, guardanapos, molhando cada ninharia com as lágrimas da despedida...

A relação entre mãe e filho esfriou, deteriorou-se e, um ano depois, quando a mãe se casou com o indecentemente jovem Filipp Ivánovitch Lévcin, um administrador insignificante dos caminhos-de-ferro, Pável saiu de casa, reservando para si o direito ao acesso à biblioteca do pai.

Contudo, raras vezes arranjava tempo para visitar a casa da mãe. Estudava, trabalhava numa clínica, fazia muitos turnos e dormia onde calhava, sobretudo na rouparia do hospital, com a permissão da

velha roupeira, que tinha conhecido não só o pai de Pável, mas também o avô...

Pável já tinha vinte e um anos quando a mãe teve mais um filho. O filho adulto desmascarava a idade dela, e Eva Kazimierovna, desejosa de passar por jovem, sofria. Deu a entender a Pável que não era bem-vindo em casa.

A partir de então cortaram relações.

Passado algum tempo, a Faculdade de Medicina tornou-se independente da universidade e houve mudanças na direcção. O professor Kalintsev morreu e foi substituído por outro homem, promovido pelo Partido e sem qualquer reputação como cientista. Por mais estranho que pareça, mostrou-se benevolente em relação a Pável, deixando-o fazer o mestrado na sua cátedra. O nome dos Kukótski, nos círculos médicos, não era menos conhecido do que os nomes Pirogov e Bótkin.

O primeiro trabalho científico de Pável incidiu sobre determinadas anomalias nos vasos sanguíneos que provocavam abortos espontâneos no quinto mês de gravidez. As anomalias afectavam os vasos capilares mais pequenos e interessavam a Pável porque, naquela altura, ele andava entusiasmado com a ideia de interferir nos processos das regiões periféricas dos sistemas circulatório e nervoso, achando-os mais fáceis de controlar do que as funções de ordem superior. Como todos os seus colegas mestrando, Pável tinha pacientes no hospital e, duas vezes por semana, dava consultas na policlínica.

Foi precisamente naquele ano que Pável, numa consulta, ao examinar uma mulher que sofria sistematicamente de abortos no quarto ou quinto mês de gravidez, descobriu que *estava a ver* um tumor com metástases no estômago – uma muito nítida no fígado e outra menos evidente no mediastino. Não violou o ritual do exame da doente, mas encaminhou-a para o cirurgião. Depois ficou muito tempo sentado no consultório sem chamar a paciente seguinte, tentando perceber o que lhe tinha acontecido, donde surgira aquele quadro esquemático e a cores do cancro numa fase avançada...

Foi nesse dia que aquele dom estranho mas útil despertou em Pável Alekséevitch. Para si próprio, denominava-o de «intravisão» e, nos primeiros anos, ia fazendo perguntas aos colegas, cautelosamente,

para averiguar se alguém mais possuía semelhante capacidade, mas não descobriu qualquer pista.

Ao longo dos anos, a sua visão interna consolidou-se, adquiriu um elevado poder de resolução. Em certas ocasiões, chegava a distinguir as estruturas celulares que pareciam tingidas com hematoxilina de Ehrlich. As formações malignas eram intensamente matizadas de lilacéneo, as áreas de proliferação activa tremeluziam com uma granulação fina rubra... Via o embrião, desde os primeiros dias da gravidez, como uma nuvenzinha azul-clara e luminosa...

Por vezes passavam-se dias e semanas em que a sua «intravisão» desaparecia. Pável Alekséevitch continuava a trabalhar: dava consultas, operava. A confiança nas suas qualificações profissionais não o abandonava, mas no fundo da sua alma surgia uma subtil inquietude. O jovem médico era, obviamente, materialista, não suportava o misticismo. Ele e o pai sempre tinham troçado das taras da mãe, que ora frequentava os serões da alta sociedade em que as mesas giravam sozinhas, ora se dedicava às místicas traquinices do magnetismo.

Pável Alekséevitch encarava o seu dom como uma criatura viva, independente de si próprio. Não se atormentava com a natureza mística do fenómeno, aceitava-o como um instrumento útil para a sua profissão. Pouco a pouco, ficou claro que o seu dom era ascético e misógino. Um pequeno-almoço muito farto, por exemplo, debilitava-lhe a intravisão, pelo que Pável Alekséevitch ganhou o hábito de prescindir do pequeno-almoço e tomava a primeira refeição à hora do almoço ou, se à tarde tinha consultas na policlínica, apenas à noite. Quanto às relações sexuais com mulheres, também lhe coarctavam, temporariamente, a transparência nos doentes examinados.

Era bom em diagnósticos, pelo que a sua prática médica não carecia, no fundo, daquele apoio ilícito; o mesmo não se poderia dizer do seu trabalho científico, que parecia clamar por ajuda: o funcionamento oculto dos vasos guardava segredos prestes a revelarem-se a qualquer momento... Aconteceu, assim, que a sua vida pessoal entrou em certa contradição com a científica; e então, depois de romper com a namorada (uma enfermeira de cirurgia de mãos frias e firmes), com quem tinha uma relação fortuita e intermitente, passou a evitar

delicadamente as relações com as mulheres, receando um pouco a agressividade feminina e habituando-se à abstinência. Como tudo o que fazia de sua livre vontade, isso não era uma provação muito grave para ele. De vez em quando interessava-se por alguma enfermeira ou jovem médica e sabia muito bem que lhe bastava uma palavra para que qualquer uma delas anuísse, mas a intravisão era mais preciosa para ele.

Obrigava-se a defender a sua forçada castidade — era solteiro, um ricaço (pelos padrões daquele tempo, em que a miséria era geral), conhecido na sua área de actividade e, embora talvez não fosse um bonitão, tinha uma aparência viril e bastante atraente; assim, por todas estas razões (sendo que só uma delas chegaria), bastava uma mulher captar-lhe um olhar ligeiramente interessado para empreender de imediato um assalto tão cerrado que Pável Alekséevitch mal conseguia salvar a pele.

Algumas das suas colegas desconfiavam até que ele tivesse um desses defeitos masculinos secretos, que relacionavam com a profissão: que apetite sexual pode ter um homem que todos os dias, por dever profissional, vasculha com os dedos sensíveis na pudenda escuridão feminina...

Além da vocação hereditária para a medicina, os homens da família Kukótski tinham mais uma peculiaridade em comum: tomavam as suas esposas como se fossem despojos de guerra. O bisavô casou-se com uma turca cativa, o avô com uma circassiana, o pai com uma polaca. De acordo com a lenda da família, todas estas mulheres, sem exceção, eram beldades extravagantes. No entanto, a mistura com o sangue forasteiro quase não alterava os traços físicos hereditários dos homens: corpulência, maçãs do rosto salientes e calvície prematura. Um retrato em gravura de Avdei Fiodorovitch, da autoria de um artista desconhecido mas claramente da escola alemã, retrato guardado até hoje pelos descendentes de Pável Alekséevitch, testemunha a força desse sangue que transporta através das épocas os traços da linhagem.

Pável Alekséevitch Kukótski também teve um casamento de campanha – intempestivo e inesperado. Embora a sua mulher, Elena Gueórguievna, não fosse prisioneira nem refém, viu-a pela primeira vez na mesa de operações em Novembro de 1942, na pequena cidade siberiana de V. para onde fora evacuada a clínica que dirigia. O estado dela era tal que Pável Alekséevitch constatou claramente que a vida daquela mulher, cujo rosto nem sequer ainda vira, não estava nas suas mãos. Tinha sido levada de ambulância, mas tarde. Demasiado tarde...

Pável Alekséevitch foi chamado a meio da noite pela sua vice-directora, Valentina Ivánovna. Ela era uma excelente cirurgiã, sabia que ele tinha total confiança nela, mas este caso era especial. Por que razão? Isso, Valentina Ivánovna não sabia explicar. Mandou que o

fossem buscar a casa, acordaram-no, pediram-lhe que fosse à clínica. Quando entrou na sala de operações, com as mãos preparadas para a cirurgia, ela estava a fazer um corte com o bisturi na superfície esterilizada...

Posicionou-se atrás de Valentina Ivánovna. Mal olhou, a sua visão especial accionou-se espontaneamente e, em vez do campo cirúrgico em que trabalhava Valentina Ivánovna, ele viu o corpo feminino inteiro, a coluna vertebral de uma rara leveza e elegância, a caixa torácica um pouco estreita com costelas finas, o diafragma ligeiramente mais subido do que o normal, o coração a contrair-se lentamente, iluminado por uma transparente chama verde-pálida a palpitar ao ritmo do miocárdio.

Via — e ninguém seria capaz de o compreender, e ele não seria capaz de explicar a ninguém essa estranha sensação —, via um corpo que lhe era absolutamente caro e familiar. Mesmo uma mancha no alto do pulmão direito, vestígio de tuberculose na infância, lhe parecia cara e familiar, como o contorno de uma mancha há muito conhecida no papel de parede junto à cabeceira da cama em que adormecemos todas as noites.

Olhar para o rosto daquela mulher jovem e tão perfeita por dentro fá-lo-ia sentir-se um tanto embaraçado, mas acabou por dirigir um relance por cima do lençol branco que a cobria até ao queixo. Reparou nas longas sobranceiras castanhas com tufinhos junto ao intercílio, reparou nas narinas estreitas. E na sua palidez de cal. Porém, o sentimento de embaraço que lhe causava a observação do seu rosto era tão forte que baixou os olhos até onde deviam situar-se as ondas dos intestinos nacarados. O apêndice vermiforme rebentara, o pus derramara-se na cavidade abdominal. Peritonite. Valentina Ivánovna via o mesmo.

Uma fraca chama amarelo-rosada que existia apenas na sua visão, com um raro cheiro floral e tépido, iluminava a mulher e era, no fundo, uma parte dela própria.

Viu ainda como eram frágeis as articulações do ilíaco por causa da proeminência insuficiente da cabeça do fémur... Na verdade, uma quase subluxação. Também a bacia era tão estreita que, durante o parto, era

de esperar uma distensão ou uma ruptura da sínfise púbica. O útero, contudo, era maduro, já tivera um parto. Portanto, já uma vez se desenvolveria... A supuração já abrangia ambas as trombas de Falópio e o escuro útero alarmado. O coração batia fraco, mas num ritmo regular, e o útero irradiava terror. Há muito que Pável Alekséevitch o sabia: cada órgão tem os seus sentimentos... Mas poder-se-á pronunciar tal coisa em voz alta?

Pois, nunca mais terás um filho... – mas não sabia ainda com quem exactamente esta mulher, que agonizava diante dos seus olhos, não poderia ter um filho. Pável Alekséevitch sacudiu a cabeça, escoraçando as imagens fantasmagóricas... Valentina Ivánovna afastou uma espiral do intestino e abriu o acesso ao apêndice cecal. Estava tudo cheio de pus.

– Limpar tudo... Remover tudo...

Não consigo salvá-la. Maldita profissão, pensou Pável Alekséevitch antes de tomar os instrumentos das mãos de Valentina Ivánovna.

Sabia que Gánitchev, chefe do hospital militar, tinha vários frascos de penicilina americana. O homem era ladrão e comerciante, mas devia favores a Pável Alekséevitch... Mas dar-lhe-ia a penicilina?

Nos primeiros dias, quando Elena já não estava à beira da morte mas também não vivia, no verdadeiro sentido da palavra, Pável Alek-séevitch ia vê-la no cantinho da enfermaria, separado por um biombo, e ele próprio dava-lhe as injeções de penicilina, destinada, e duas vezes roubada, aos soldados feridos. Elena ainda não recuperara os sentidos. No espaço onde ela se encontrava havia gente em estado semivegetal que falava, e havia um enredo qualquer em que ela desempenhava o papel principal, ou quase. Deitada com cuidado sobre um amplo lençol de linho branco, sentia-se quase uma parte desse linho, e mãos leves faziam-lhe qualquer coisa no corpo, era como se lho bordassem, pelo menos sentia as picadelas de agulhas minúsculas, e essas picadelas, afinal, até eram agradáveis.

Além desses bordadores cuidadosos, havia outros seres, hostis, pelos vistos os alemães, talvez com o uniforme da Gestapo, que desejavam não apenas a sua morte, mas mais, pior do que a morte. Ao mesmo tempo, qualquer coisa sugeria a Elena que tudo aquilo, de certo modo, era fantasmagórico, meio ilusório, e que alguém não tardaria a revelar-lhe a verdade. De modo geral, pressentia que tudo o que lhe estava a acontecer dizia respeito à sua vida e à sua morte, mas que por trás disso havia algo muito mais importante ligado à revelação iminente da verdade definitiva, e que isso era mais importante do que a própria vida.

Numa certa altura pareceu-lhe ouvir alguém a conversar. Uma voz grave masculina, dirigindo-se a outra pessoa, pedia uma análise bioquímica. Uma voz feminina e idosa recusava. A bioquímica afigurava-se a Elena como uma grande caixa de vidro cheia de tubinhos

coloridos que tilintavam e tinham uma misteriosa relação com aquela paisagem montanhosa onde tudo estava a acontecer...

Depois a paisagem, os tubinhos coloridos e as criaturas irreais desapareceram de vez, e Elena sentiu que lhe estavam a bater ligeiramente no pulso. Abriu os olhos. A luz era tão intensa e crua que ela os semicerrou. O homem, com uma cara que lhe pareceu familiar, sorriu:

– Muito bem, Elena Gueórguievna.

Pável Alekséevitch ficou espantado. Tinha à sua frente o caso em que uma parte era maior do que o todo: os olhos dela eram maiores do que o resto da cara.

– Foi a si que eu vi *lá*? – perguntou a Pável Alekséevitch.

A sua voz era fraca, como um roçar de papel.

– É possível.

– A Tánetchka, onde é que ela está? – perguntou Elena, mas não ouviu a resposta, voltando a flutuar no meio das manchas coloridas e das plantas faladoras.

«Tánetchka², Tánetchka, Tánetchka» – cantaram as vozes, e Elena acalmou-se: estava tudo bem.

Pouco depois, regressou definitivamente. E tudo voltou ao seu lugar: a doença, a operação, a enfermaria. O atencioso médico que não a deixara morrer.

Vassilissa Gavrílovna vinha visitá-la, com a belida num olho e o lenço escuro a cobrir-lhe a cabeça até ao sobrolho, trazendo uma bebida de arando e bolachas escuras. Por duas vezes lhe trouxe a filha.

O médico fazia as suas visitas, primeiro duas vezes por dia e depois, como a todos os outros pacientes, apenas durante a ronda matinal. O biombo foi retirado. Elena já começava a levantar-se como os outros doentes, conseguia ir até ao lavabo ao fundo do corredor.

Pável Alekséevitch manteve-a no hospital durante três meses.

Elena vivia, naquele tempo, numa parte de um quarto, separada por uma cortina de chita, alugada numa casinha pobre dos arrabaldes

² Um dos diminutivos de Tatiana. Vai aparecer também como Tânia, outro diminutivo do mesmo nome. (*N. dos T.*)

da cidade. A senhoria, com um ar tão pútrido como a casa, era incrivelmente desarrazoada. Antes de Elena, tinha expulsado quatro inquilinos. A cidade siberiana, onde antes da guerra a população mal chegava aos cinquenta mil habitantes, abarrotava agora de evacuados: uma fábrica militar onde, no gabinete de engenharia, trabalhava Elena; o instituto de medicina com as suas clínicas, e ainda dois teatros. Durante o poder soviético, não haviam construído na cidade praticamente nada, habitações nenhuma, tirando umas barracas para os presidiários num subúrbio próximo. As pessoas, como sardinhas em lata, ocupavam cada fenda, cada toca.

Na véspera da sua alta, o médico foi a casa de Elena no carro da clínica com motorista. A senhoria assustou-se com o carro e escondeu-se na despensa. O médico bateu à porta, foi Vassilissa Gavrílovna quem abriu. Pável Alekséevitch cumprimentou-a. Sentiu uma lufada de fedor a lavadura e excrementos. Sem tirar a peliça, deu três passos, abriu a cortina e espreitou de relance para dentro do miserável ninho das mulheres. Tânia estava sentada no canto de uma cama grande com uma gatinha branca ao colo e olhou para o médico com medo, mas também com curiosidade.

— Faça rapidamente as malas, Vassilissa Gavrílovna, vamos mudar para outra casa — disse ele, surpreendendo-se a si próprio.

Era impossível deixar uma doente grave, depois de ter sobrevivido a grande custo, numa lixeira daquelas.

Em quinze minutos, arrumaram os pertences numa grande mala e numa trouxa, vestiram Tânia, e as três meninas, a jovem gata incluída, não tardaram a instalar-se no assento de trás do automóvel.

Pável Alekséevitch levou-as para sua casa. A clínica ocupava uma velha mansão, o apartamento de Pável Alekséevitch era no mesmo terreiro, no anexo. Antigamente era a casa e a cozinha dos criados. Agora, haviam reconstruído o fogão grande — onde preparavam as refeições para os pacientes —, tinham erguido divisórias e destacado para Pável Alekséevitch dois pequenos quartos com entrada independente. Num dos quartos alojou essa família. A sua futura família.

Na primeira noite, Vassilissa, ao ficar sozinha com Tánetchka — Elena ia ter alta apenas no dia seguinte —, fez a sua reza habitual,

deitou-se ao lado da menina adormecida na dura marquesa hospitalar e foi a primeira a adivinhar em que sentido caminhavam as coisas... Ah, Elena, Elena... com o marido ainda vivo...

Vassilissa Gavrílovna confirmou as suas suspeitas logo no dia seguinte quando Elena, depois de atravessar o terreiro, entrou pela primeira vez em casa de Pável Alekséevitch. Estava fraca e pálida, sorria de forma vaga e confusa, ligeiramente culpada. Porém, nesse dia Vassilissa Gavrílovna não teve fundamento para suspeitas nem para censura, o motivo apenas surgiu passados alguns dias. Era digno de admiração que esta velha solteirona, sem a mínima experiência nas relações com o sexo masculino, apanhasse de modo tão certo as vibrações do amor ainda a germinar.

Durante todo o mês de Fevereiro fez um frio de rachar. Em casa de Pável Alekséevitch, o fogão estava sempre muito quente; era a primeira vez que as mulheres se aqueciam em vários meses. Era possível que o calor seco da lenha, saciando agora as saudades que dele tinham as mulheres, aquecesse o sentimento de Elena; fosse como fosse, passara a sentir por Pável Alekséevitch um amor tão cálido como nunca antes tivera por alguém. O seu casamento com Anton Ivánovitch, visto das alturas do novo conhecimento do amor e de si própria, parecia-lhe agora deficiente, sem nada de autêntico. Afastava de si o pensamento débil e vago sobre o marido, adiava todos os dias o momento em que teria de dizer a si mesma todas as palavras honestas e tristes que deveria dizer, e tudo isso se agravava ainda mais devido ao facto de, havia já seis meses, não receber quaisquer cartas de Anton e de também não lhe ter escrito durante o último mês porque se sentia incapaz de lhe dizer sequer uma palavra que fosse verdadeira, nem uma palavra que fosse mentira...

Às cinco e meia da manhã, Pável Alekséevitch trazia da cozinha do hospital um balde de água quente – um luxo indizível, como noutros tempos uma banheira cheia de champanhe – e esperava atrás da porta que Elena se lavasse. Depois também tomava banho, trazia outro balde para Vassilissa Gavrílovna e Tánetchka, e punha mais lenha no fogão que estava a arder quase sem interrupção. Vassilissa não saía do outro quarto até que ambos se fossem embora para o trabalho:

fingia dormir. Mas Elena sabia que Vassilissa era madrugadora e começava a murmurar as suas rezas ainda a meio da noite.

Não sai porque não quer ser testemunha da minha pouca-vergonha – adivinhava Elena. E sorria. De manhã, sentia-se especialmente feliz e livre. Sabia que pelo caminho até à fábrica tudo se iria desvanecendo pouco a pouco e que, ao fim da tarde, não restariam vestígios da felicidade matinal. O seu sentimento de culpa e vergonha crescia com a aproximação do crepúsculo e não desaparecia até que Pável Alekséevitch a envolvia num forte abraço nocturno...

Pável Alekséevitch já tinha quarenta e três anos. Elena, vinte e oito. Era a primeira e única mulher da sua vida que não afugentava o seu dom. Depois de ela passar, pela primeira vez, a noite no quarto dele, Pável Alekséevitch, ao acordar na escuridão da madrugada com a trança dela desfeita e a fazer-lhe cócegas no braço, pensou: *Bem, chega! Que eu nunca veja mais do que todos os outros médicos. Mas não me separo dela...*

Contudo, por mais misógino que fosse o seu dom, abriu uma estranha excepção com Elena. Pável Alekséevitch, a despeito de Elena, continuava a ver uma cintilação colorida, a vida oculta, dentro dos corpos.

Pelos vistos, ele também se apaixonou por ela, concluiu Pável Alekséevitch.

A carta a comunicar a morte do marido de Elena, Anton Ivánovitch Flótov, chegou um mês e meio depois do dia em que ela, pela primeira vez, dormiu no quarto de Pável Alekséevitch. Trouxeram a carta de manhã, quando Elena já saíra para a fábrica. Vassilissa esgotou as lágrimas durante aquele dia: nunca gostara de Anton e agora censurava-se por essa antipatia.

Nessa noite, pôs a carta diante de Elena. Esta ficou petrificada. Segurou demoradamente nas mãos o papel amarelado, trémulo.

– Meu Deus! Como vou viver com isto? – Elena apontou com o dedo para a data da morte, escrita nos algarismos grandes e verticais do escrivão. – Estás a ver a data?

Era precisamente a do dia em que Elena ficara no quarto de Pável Alekséevitch.

Como as costas largas de Pável Alekséevitch, com a bata de cirurgião ajustada no pescoço robusto por uns cordões, já a protegiam completamente do resto do mundo, protegiam-na agora também do falecido Anton, com seus olhos frios e a boca rígida na cara magra, absolutamente privada da macia carne eslava.

A partir desse momento, o seu amor por Pável Alekséevitch impregnou-se, para sempre, do sentimento de irremissível culpa para com Anton, morto no mesmo dia em que ela o traíra...

Vassilissa viu nessa data outra coisa: tinham passado quarenta dias desde o seu passamento.

– Nem eu pude rezar por ele, nem tu fazer o luto de viúva – chorou Vassilissa.

Passaram-se alguns dias e Vassilissa começou a pedir para ir de férias. Aliás, não pedia para partir numa das suas enigmáticas escapadelas; melhor será dizer que avisava que o ia fazer. Elena, que vivia lado a lado com Vassilissa havia muitos anos, conhecia perfeitamente essa sua particularidade – desaparecia de repente por uma, duas ou três semanas e depois regressava também subitamente –, mas dessa vez não a pôde deixar ir: no gabinete de engenharia, onde executava com a sua mão ligeira os desenhos técnicos para a aperfeiçoada caixa de mudanças de um aperfeiçoado tanque, não deixavam ninguém tirar férias. Além do mais, as leis dos tempos de guerra não previam excursões pelo país, e também não havia mais ninguém para tratar de Tânia...

Perspicaz em muitos aspectos, Pável Alekséevitch, apesar de toda a sua concentração no trabalho profissional de médico, também avaliava bastante judiciosamente a vida humana existente à sua volta. Evidentemente, tinha os seus privilégios de professor doutor, de director de uma grande clínica, mas estava a par da vida necessitada do seu pessoal médico, da carência de alimentos, inclusivamente no serviço da maternidade, do frio, da falta de lenha, medicamentos, ligaduras... Embora tivesse observado a mesma coisa antes da guerra, agora surgira, sabia-se lá donde, a ideia de que depois da guerra tudo mudaria, seria melhor e mais justo...

Talvez a sua própria profissão de médico, o contacto permanente e quase rotineiro com o ígneo relâmpago — o deslumbrante momento da saída da criatura humana do fosso sangrento, das trevas uterinas da inexistência — e a sua participação prática neste drama da Natureza se reflectissem no seu aspecto físico e interior, em todas as suas opiniões: tinha conhecimento não só da fragilidade do ser humano, mas também da sua resistência sobrenatural, que de longe ultrapassava as possibilidades de todos os outros organismos vivos. A experiência de muitos anos demonstrava-lhe que as possibilidades de adaptação dos seres humanos ultrapassavam em grande medida as dos animais. É interessante, mas será que os médicos e os zoólogos, juntos, nunca terão tentado resolver este problema?...

Tenho a certeza de que nenhum cão aguentaria o que aguenta o homem, dizia para si próprio com ironia.

Pável Alekséevitch possuía a mais importante qualidade para um cientista – sabia fazer as perguntas certas... Seguiu com atenção as modernas investigações na área da fisiologia e da embriologia, e não se cansava de admirar a lei persistente e até, de certo modo, picuinhas que determinava a vida do futuro ser humano ainda no útero materno, e em conformidade com a qual cada acontecimento se dava com uma enorme precisão – e não era uma precisão de semanas e de dias, mas de horas e de minutos. Este cronómetro era tão certo que, exactamente no sétimo dia de gestação, cada embrião, apresentando uma acumulação esférica de células homogéneas, se dividia em duas camadas, interior e exterior, e começavam a acontecer-lhes coisas surpreendentes: arqueavam-se, separavam-se, viravam-se do avesso, criavam bolhas e nódulos, uma parte da superfície ia para dentro, e tudo isso se repetia com uma incrível exactidão, milhões e milhões de vezes seguidas... Quem, e como, dá as ordens de acordo com as quais se desenrola este espectáculo invisível?

A suprema e inominável sabedoria consistia em que de uma única célula, formada a partir de um óvulo pouco móvel e ligeiramente dilatado, rodeado de uma radiosa coroa de células foliculares e de um espermatozóide bicudo, com a cabecinha fusiforme e a cauda espiralada e buliçosa, crescia infalivelmente uma criatura humana de meio metro de comprimento, três quilos de peso, que grita a plenos pulmões, absolutamente irracional, e dela, obedecendo à mesma lei, se desenvolvia um génio, um pulha, uma beldade, um criminoso ou um santo...

Precisamente porque Pável Alekséevitch sabia muito (no fundo sabia tudo o que naquela altura se conhecia sobre esta matéria), tinha uma noção muito superior à dos outros sobre a cozedura cósmica donde emergia cada Káténka e cada Valérik.

A biblioteca do pai continha muitíssimos livros de história da medicina, e Pável sempre gostou dos resquícios dessa prezada antiguidade: alegrava-se, admirava-se, por vezes ria-se das noções fantásticas dos seus colegas havia muito falecidos, fossem um sacerdote do Antigo Egipto, o primeiro anatomista profissional do mundo, ou um habilidoso medieval que fazia sangrias, cesarianas e removia calos ao mesmo preço.

Ainda na juventude, calou-lhe fundo na alma o texto de uma carta escrita por Beroso, sacerdote e médico babilónico, em que este explica ao seu discípulo que havia já trinta anos a estrela Tishla entrara na constelação Sipparu, e desde então os rapazes nasciam mais corpulentos, mais agressivos e, ao que parece, já com uma lança nas mãozinhas...

«Não é de admirar – escreve o médico a seguir – que nos últimos dez anos as guerras sejam incessantes. Esses rapazes guerreiros cresceram e não podem ser lavradores. É de supor que a guardiã Lamassu esteja a reescrever a tábua dos destinos.»

Pável Alekséevitch, então, procurou na literatura especializada alemã a informação sobre essa Lamassu que reescrevera os destinos de gerações. Descobriu que era a deusa da placenta. Era admirável esta divinização de cada órgão e a consciência de uma ligação cósmica entre a Terra, o céu e o corpo humano, que a ciência perdeu por completo nos novos tempos. Em boa verdade, seria curioso descobrir – deixando de lado essas superstições comovedoras – se uma geração partilhava ou não uma fisionomia geral, um carácter comum! Será que apenas os factores sociais determinam o carácter de uma geração? Não sofrerão também a influência das estrelas, ou da alimentação, ou da qualidade da água? Isto porque o próprio mestre de Pável Alekséevitch, o professor Kalintsev, tinha falado sobre as crianças «hipotónicas» do início do século xx... Descrevia-as como bebés moles, ligeiramente sonolentos, com olhinhos empapuçados, bocas semiabertas e mãozinhas descontraídas como as dos anjinhos... E como eram diferentes, pelos vistos, dos recém-nascidos modernos, com os punhos fortemente cerrados, os dedos dos pés encolhidos, os músculos tensos! Hipertonia muscular. E a posição de pugilista – os punhos cerrados a proteger a cabeça. Os filhos do medo. Provavelmente são mais capazes de sobreviver. Só que... de que estão a defender-se? Da parte de quem esperam o golpe? O que teria dito dessas crianças o cientista babilónico Beroso, sacerdote da deusa Lamassu?

As reflexões sobre essas crianças assustadas conduziam Pável Alekséevitch para outra área: quando pensava nas vidas dos seus conhecidos e familiares, descobria que quase todos tinham sido

também atingidos pelo medo. A maioria deles escondia algum facto vergonhoso sobre a sua origem ou parentesco, ou então, quando era impossível escondê-lo, vivia permanentemente à espera de um castigo pelos crimes não cometidos. A sua assistente Valentina Ivánovna provinha de uma família de comerciantes riquíssima, um outro colega transportava secretamente nas veias, como a peste, metade de sangue alemão, o irmão de uma empregada da recepção emigrara no ano de 1918; Elena, que acabara de aparecer na sua vida, confessou-lhe que os pais morreram nos campos correcionais, e ela própria se salvara apenas graças à avó, que a perfilhara na véspera do envio dos pais para Altai. Afinal, até Vassilissa Gavrílovna, uma simples mulher do povo, vivia com um qualquer segredo íntimo e complicado dentro de si. Cada um tinha alguma coisa para silenciar, cada um vivia à espera de ser desmascarado.

Com o início da guerra, este medo indefinido, quase místico, abandonou ligeiramente, foi substituído por outro, mais real: o medo pela vida dos homens que partiam para a frente. Matavam-nos inimigos reais e eternos, os alemães, e esses homens que lutavam e morriam na frente de combate não só defendiam a sua pátria, mas também as suas famílias dos medos do pré-guerra: os serviços de segurança vigilantes pareciam esquecer-se um pouco das avós ricas, dos avós demasiado cultos e dos parentes no estrangeiro. As comunicações sobre os soldados mortos recebidas pelas famílias tornavam toda a gente igual na desgraça. A orfandade, a fome e o frio igualavam em direitos os filhos dos soldados mortos e os dos presidiários mortos. O futuro de todas as pessoas estava agora ligado à vitória, e os seus sonhos não se estendiam para lá dela. O amor entre Pável Alekséevitch e Elena, quase taciturno, ao som do sussurro e do crepitar da lenha no fogão, apoderou-se de ambos de forma tão plena que iam adiando as inevitáveis reflexões sobre o futuro: ainda não tinham sentido medo.

Pável Alekséevitch adotou Tânia logo depois do casamento e, como dizia Vassilissa, «alojou-a no seu coração». Nesta «sua própria» filha foi como se se juntassem os milhares de crianças que ajudara a nascer: as crianças que puxou para a luz do dia, que extraiu por cesariana, que salvou da asfixia, do traumatismo craniano e de outras lesões tão frequentes durante o parto.

Mas os filhos alheios eram efêmeros. Despendiam-se com eles muitos esforços e muito trabalho, mas depois desapareciam, e Pável Alekséevitch quase nunca voltava a ver esses meninos e meninas na altura em que começavam a sorrir, a estudar os seus dedinhos, a alegrar-se quando reconheciam os rostos familiares, os biberões e os chocalhos.

Logo nas primeiras horas de vida da nova criatura, Pável Alekséevitch sabia distinguir as manifestações do temperamento: força de vontade ou passividade, teimosia ou preguiça. Porém, os traços mais finos da individualidade humana não se revelam, por norma, nos primeiros dias em que o bebé descansa depois do titânico trabalho do nascimento e da passagem para uma nova existência. Pável Alekséevitch sabia muito sobre as crianças dos outros, mas não sabia nada sobre a criança que vivia na sua própria casa. A descoberta foi admirável.

Tânia acabara de fazer dois anos: Pável Alekséevitch podia ser seu avô. O fascínio que sentia pela menina vinha-lhe do fundo do coração e tinha aquele toque de enternecimento com que um velho homem assiste a todas as coisas novas que acontecem a uma criança

e nunca a um adulto. Ora reparava num refego no seu pulso, ora numa covinha na zona lombar, ora descobria que o seu cabelo escuro não era de um castanho uniforme, mas mais claro e macio por dentro, no pescoço e atrás das orelhas, como se tivesse dois tipos de pelagem.

As palavras novas, os gestos novos, toda a evolução intelectual que se desenrola num ser humano de dois anos eram de um grande interesse afectuoso para Pável Alekséevitch. Nunca permitia a si próprio o pensamento de que outra mulher teria podido dar-lhe outra criança, a sua própria, se calhar um menino que, em vez deste cabelo de outrem, castanho, teria herdado o cabelo loiro dele, de Pável Alekséevitch, bem como a sua propensão para a calvície, e a forma estranha das suas mãos, com as palmas muito largas e os dedos triangulares, brusca-mente aguçados nas pontas, e por fim viria a herdar a sua profissão.

Não, não, mesmo se Elena pudesse ter mais filhos, ele duvidava muito que tivesse querido pôr à prova o seu amor por Tánetchka ou submetê-lo à comparação. Chegou a dizê-lo a Elena: não posso sequer imaginar outra criança, a nossa menina é um verdadeiro milagre.

É difícil dizer o que provém do quê: o bom carácter de uma criança provém do amor que os pais lhe dão desmedida e irracionalmente, ou, pelo contrário, uma boa criança desperta nas almas dos pais todas as melhores qualidades que eles têm? Fosse como fosse, Tânia crescia rodeada de amor, e os três estavam muito felizes juntos. Vassilissa, se bem que membro incontestável da família, na geometria do triângulo familiar era um membro auxiliar que apenas dava à existência deles uma estabilidade adicional.

Às vezes, quando Tânia acordava antes dos adultos, ia devagarinho ao quarto dos pais, mergulhava na cama no meio deles como um peixinho de chita e, com uma voz sonolenta e feliz, exigia *abrançar* e *beijinhar*. Começou a falar muito cedo e logo de modo correcto, e este «beijinhar» já era para ela o jogo de um adulto capaz de rir de si próprio em criança.

— Aqui, aqui e aqui — apontava com o dedo para a testa, a bochecha e o queixo, e, ao receber os beijos dos pais como um tributo legal, escolhia, com um ar comicamente sério, um lugarzinho na bochecha espinhosa de Pável Alekséevitch para um beijo.

Nos anos em que frequentou a escola, este ritual osculatório transformou-se no beijo de despedida antes de sair. Os toques fugazes, aparentemente insignificantes, eram como minúsculas tachas que fixavam a vida do dia-a-dia.

Pável Alekséevitch, por norma muito reservado nas suas relações, mesmo com a sua adorada mulher, mantendo-se rigorosamente dentro dos limites do admissível tanto nos gestos como nas palavras, com Tânia chegava até ao ciclo senil. «Ginjinha doce», «pardalinho do pai», «esquilinho felpudo», «maçã orelhuda» – inundava a criança com o mais ternurento dos herbários e bestiários. Tánetchka gostava muito disso e também tinha a sua coleção de alcunhas carinhosas para o pai: «o meu melhor canídeo», «hipo-hipopótamo», «peixe-gato bigodudo».

Pável Alekséevitch mimava Tânia com entusiasmo. Elena, volta e meia, tinha de refrear os seus impulsos. Acontecia que entrava numa loja de brinquedos e levava toda a sua miserável oferta. Contudo, essas loucas meiguices não estragavam Tânia pelos vistos, pois não era invejosa nem tinha o feitio arbitrário de uma criança que não conhece os limites.

Parecia a Pável Alekséevitch que qualquer tecido era demasiado grosseiro para a sua pele infantil, que as botas lhe magoavam o pezinho, que o cachecol lhe irritava o pescoço. Depois olhava para a mulher e o seu coração condoía-se com espanto perante a sua fragilidade e delicadeza, e apetecia-lhe agasalhá-las às duas em cambraia, em penugem, em peliças... Era estranha esta incongruência entre, por um lado, os hábitos ascéticos de Pável Alekséevitch, realidade severa e cruel da sua vida de cirurgião, o costume que Elena tinha de automaticamente tirar para si o pior bocado e o mais pequeno de todos, e com tanta naturalidade que ninguém dava por isso, a avareza e o rigor de Vassilissa em relação à menina – e, por outro lado, a forte ânsia de Pável Alekséevitch em pôr a mulher e a filha debaixo de uma campânula de vidro para as proteger da corrente de ar, da grosseria, de todas as asperezas da vida em seu redor.

No início de Setembro de 1944, a clínica de Pável Alekséevitch voltou a sediar-se em Moscovo. Em casa de Elena, na Ruela Triokhprúdni

— a casa com que tanto contava —, já estavam instalados dois funcionários de categoria inferior do NKVD³, e a jovem família voltou a ocupar as mesmas dependências da clínica, onde, antes da guerra, Pável Alekséevitch passara a sua vida solitária e humilde. Era um sub-rés-do-chão bastante espaçoso mas húmido e pouco adequado para uma criança. Tânia, como que propositadamente, para que a preocupação com a sua saúde não fosse infundada, constipava-se muitas vezes e tossia sem cessar.

A vida familiar de Pável e Elena decorria de forma tão feliz que até as maleitas de Tânia conferiam uma particular nota de intimidade na relação entre o casal. Durante muito tempo, a primeira palavra de preocupação que Pável Alekséevitch proferia quando regressava do trabalho era: «Tossiu?»

Vassilissa encolhia os ombros ossudos: grande coisa, uma criança a tossir...

Que velha insensível, pensava com espanto Pável Alekséevitch, tirando o seu enorme casaco impregnado do frio da rua e enxotando para longe daquele ar frio Tânia, que se assomava no corredor...

3 Abreviatura de *Naróдни Komissariat Vnútrennikh Diel* (Comissariado Nacional do Interior), órgão central da administração estatal da URSS para a luta contra o crime e para a manutenção da ordem e segurança nos anos de 1934-1946; depois foi substituído pelo Ministério do Interior. Era um dos instrumentos de repressão por parte do regime estalinista. (N. dos T.)

6

Pável Alekséevitch, tal como o seu falecido pai, tinha indubitáveis características de homem de Estado. Embora a patente de oficial do seu pai no tempo dos czares lançasse uma longa sombra sobre a carreira de Pável Alekséevitch, a Segunda Guerra Mundial como que limpou um pouco esta mancha desagradável na sua biografia: apesar de ser militar, o pai era médico e morreu na guerra contra os alemães. Agora, quando o país combatia os filhos daqueles mesmos alemães, a origem suspeita foi-lhe perdoada *a posteriori*. Pouco tempo depois do seu regresso após a evacuação, Pável Alekséevitch foi chamado ao Ministério, onde lhe propuseram que redigisse um projecto de organização da saúde pública em tempos de paz na área da maternidade e da puericultura. A guerra estava no fim, e embora a respectiva comissão ainda não estivesse criada, pressupunha-se que, na altura certa, seria ele a encabeçá-la. Os dados estatísticos começaram a chegar às mãos de Pável Alekséevitch e, embora fossem estatísticas seleccionadas de maneira incompetente, em parte falsas e incompletas, não deixavam de revelar a terrível situação demográfica do país. Não se tratava apenas das perdas irre recuperáveis de uma enorme parte da população masculina e da conseqüente queda da natalidade. A mortalidade infantil era gigantesca, sobretudo entre os recém-nascidos. Existia mais uma circunstância que as estatísticas oficiais ignoravam, mas que qualquer médico no activo conhecia: um elevado número de mulheres em idade reprodutiva morria em conseqüência de abortos ilegais. Oficialmente, os abortos médicos tinham sido proibidos ainda no ano de 1936, quase na mesma altura em que foi promulgada a Constituição de Estaline.

Esta proibição constituía um ponto nevrálgico no trabalho de Pável Alekséevitch: quase metade das operações urgentes que efectuava estava ligada às consequências dos abortos clandestinos. Os contraceptivos praticamente não existiam. O médico tinha obrigação de examinar cada mulher trazida pela ambulância «com vista a estabelecer o eventual facto de aborto clandestino». A consequência eram as acções judiciais. Pável Alekséevitch evitava essas denúncias veladas e só escrevia na anamnese as palavras acusadoras «aborto criminal» numa única situação: a morte da paciente. Quando a vida da mulher era salva, essa conclusão do médico levaria ao banco dos réus tanto a vítima como quem realizara nela esse serviço secular. Várias centenas de milhar de mulheres encontravam-se em campos correcionais condenadas precisamente por causa dessa lei.

O vasto programa que Pável Alekséevitch tinha de elaborar incluía, além dos aspectos puramente médicos, também os sociais.

O seu projecto lembrava sobretudo um daqueles papéis entregues aos monarcas pelos melhores filhos da pátria, entre os quais havia todo um espectro de curiosíssimas personagens, tanto românticas como imbecis, desde o príncipe Kúrbski até Tchaadáev⁴. Aliás, Aleksei Gavrílovitch Kukótski, seu pai, era um dos propulsores de projectos deste tipo.

Pável Alekséevitch previa que depois da guerra haveria sérias mudanças na instituição da família, esperava o aparecimento de numerosas mães solteiras e considerava este fenómeno inevitável e até útil socialmente. Achava necessário introduzir várias regalias para as mães solteiras, mas supunha que o primeiro passo devia ser a anulação do decreto sobre a proibição dos abortos, que datava de Julho de 1936.

4 Príncipe Andrei Kúrbski (1528-1583), político, militar e publicista russo, autor de cartas para o czar Ivan, o *Terrível*, em que o acusava de crueldade injustificável, e da «História do Grande Príncipe de Moscovo», libelo político que reflectia a ideologia da grande aristocracia, opositora do fortalecimento do poder autocrático. Piotr Tchaadáev (1794-1856), filósofo e publicista russo, autor de «Cartas sobre a Filosofia da História». Pela «ordem suprema», foi declarado louco. (*N. dos T.*)

À medida que trabalhava no projecto, este crescia e transformava-se numa autêntica utopia donde assomavam também, por meio de construções fantásticas, ideias sérias e muito razoáveis, bem à frente do seu tempo. Assim, pressupunha a organização de um serviço de assistência social para os pais, o trabalho de esclarecimento e aconselhamento para a juventude e a criação de uma rede de casas para crianças e sanatórios, em que a educação de crianças física e psiquicamente saudáveis assentasse numa fundamentação científica. Isto lembrava em certos pontos a pedologia, proibida ainda nos anos 1930, e até a doutrina de Tchernichévski⁵. Não foram esquecidas também as consultas de genética médica, de cuja organização planeava incumbir Iliá Goldberg, médico geneticista, seu amigo de juventude.

A ministra da Saúde Pública, naquele tempo, era uma senhora de certa idade, funcionária experiente, uma militante convicta do Partido, desde o cocuruto encanecido até aos calos arreigados, e ainda por cima a única mulher no Governo. Desde muitos anos atrás que era conhecida pela alcunha de *Cavalo*, a qual estava parcialmente relacionada com o seu apelido, mas também com a sua postura incansável e capacidade de avançar sem desvios na direcção que lhe fosse indicada. A alcunha até lhe agradava, e muitas vezes, num círculo restrito, quando se concedia a liberdade de emborcar uns copos valentes, gostava de repetir:

– Sim, sim, a mulher russa é um cavalo de carga, tem forças para tudo!

Era, incontestavelmente, a mulher mais importante do país, símbolo da igualdade dos direitos da mulher e uma autêntica encarnação do Dia Internacional da Mulher, se deixarmos de lado as míticas Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin, Zóia Kosmodemiânskaia e a eternamente jovem Liubov Orlova⁶. É curioso que nenhuma delas, inclusive a própria *Cavalo*, tinha filhos...

5 Nikolai Tchernichévski (1828-1889), revolucionário, filósofo, escritor e economista russo. (*N. dos T.*)

6 Rosa Luxemburgo (1871-1919), economista marxista e política alemã. Clara Zetkin (1857-1933), jornalista e política marxista alemã. Zóia Kosmodemiânskaia (1923-1941) – heroína da Grande Guerra Pátria (Segunda Guerra Mundial), guerrilheira, torturada e executada pelos nazis. Liubov Orlova (1902-1975) – famosa actriz soviética. (*N. dos T.*)

Nos primeiros tempos, quando o projecto de reestruturação do sistema de saúde pública estava apenas no começo, a *Cavalo* era uma grande apoiante de Pável Alekséevitch; mas, à medida que a tarefa dele ia adquirindo uma envergadura cada vez maior, o entusiasmo da ministra parecia esfriar. Em boa verdade, estava pura e simplesmente assustada. O projecto cheirava a demasiado radicalismo, exigia um enorme financiamento e era, sobretudo, um risco. Cega, surda e muda em muitos sentidos, a *Cavalo* possuía uma sensibilidade sobre-humana no tocante ao estado de ânimo dos chefes, que identificava com os interesses de Estado. Farejava que o interesse do Estado, no momento actual, não estava virado para a obstetrícia e a ginecologia, e nem sequer para a maternidade e a puericultura, mas para outras esferas muito mais altas.

O académico Opárin⁷, por exemplo, já explicara de que maneira a matéria viva provinha da matéria não-viva mediante uma descarga eléctrica, com o impulso das doutrinas de Marx e Engels, para criar o caldo primário das moléculas de proteínas ideologicamente sólidas. Outro académico, Lissenko⁸, já quase subordinara a Natureza à sua varinha mágica, e a Natureza já lhe fizera a firme promessa de reagir adequadamente à política do pau e da cenoura. Um terceiro académico, a mundialmente conhecida senhora Lepechínskaia⁹, estava a dois passos de vencer a velhice e a um passo de vencer a própria morte. O átomo já concordara em tornar-se pacífico, os rios estavam prontos a correr por onde fosse necessário e não por onde lhes apetecia. A ciência soviética, inclusivamente a médica, florescia sem se importar com a necessidade de anular o desgraçado decreto, e o grande líder de todos os tempos e povos, metendo por trás da lapela a paralisada

7 Aleksandr Opárin (1894-1980), bioquímico soviético, criador de uma teoria do surgimento da vida na Terra. (*N. dos T.*)

8 Trofim Lissenko (1898-1976), agrónomo e académico soviético, laureado com o Prémio Estaline. Ao seu nome está ligada a campanha de repressões contra os geneticistas soviéticos. (*N. dos T.*)

9 Olga Lepechínskaia (1871-1963), académica, laureada com o Prémio Estaline, autora da teoria de novas formas de células a partir da «substância viva» amorfa, que depois foi reconhecida como anticientífica. (*N. dos T.*)

mão esquerda, esboçava um sorriso de sábio e, com a activa mão direita, recebia o imortal ramo de flores das mãos de uma menina loira que, posteriormente e no decorrer dos interrogatórios, se viria a descobrir que era judia...

No entanto, o ginecologista careca ia todas as semanas ao ministério e incomodava a camarada ministra com a imutável pergunta: encaminhou ou não o projecto para os superiores? Não, não e não! Nos últimos dias, dizia ela, não lhe fora de modo algum possível dirigir-se aos superiores. E se eles encontram nisto alguma coisa que...? Além do mais, as ideias costumavam movimentar-se numa direcção contrária: em vez de subirem de baixo para cima, eram mandadas de cima para baixo. De momento, haviam-se esquecido da reestruturação da saúde pública, e quem era ela para lhes lembrar disso? A *Cavalo* ia travando as coisas de todas as maneiras e feitios, dizia que nenhum decreto passava sem ser discutido no Comité Central; assim, o coração alerta da ministra preferia adiar. Pável Alekséevitch insistia. Depois de perder mais de um ano com as estéreis conversações com a ministra, acabou por cometer um acto que, no entender dos funcionários e militares, era contrário à ética: escreveu uma carta oficial para o Comité Central do Partido, endereçada ao membro do Bureau Político camarada N., responsável pelos assuntos sociais... passando por cima do ministro da Saúde Pública... A carta, em conformidade com os padrões convencionais, tinha no início a fórmula mágica: «Sob a direcção do camarada...», mas era escrita numa impecável linguagem à moda antiga, com uma argumentação clara e um suporte estatístico mortífero, no sentido literal e figurado.

Desta vez, Pável Alekséevitch reduziu os seus designios: em vez do projecto completo, apresentou apenas um fragmento dedicado ao problema mais premente, do seu ponto de vista – o da legalização do aborto.

Passaram-se vários meses, e Pável Alekséevitch já deixara de esperar qualquer resposta. De repente, às nove de manhã, durante o *briefing*, soou uma chamada do Comité Central. Pável Alekséevitch

pediu desculpa e, com um ar de descontentamento na cara, saiu da sala dos médicos. Alguém violara a regra: normalmente não o chamavam ao telefone durante os *briefings*. Mas era uma chamada da parte do Comité Central para comparecer com urgência numa audiência.

Dez minutos depois, já o carro de serviço partia da porta da clínica. Ao lado do motorista ia sentado um sombrio Pável Alekséevitch. O convite era inesperado, o seu estilo bastante sinistro. Não gostou sobretudo da urgência. Antes de partir, teve tempo para fazer apenas duas coisas de primeira necessidade: emborcar um copo de álcool diluído e pegar numa pasta havia muito preparada para esta ocasião. Ia já a caminho da Praça Stáraia quando pensou que fizera mal em não ter passado por casa para se despedir da família...

No posto de controlo da entrada número seis, fizeram-no parar e pediram-lhe que deixasse lá a pasta. Na pasta estava um frasco anatómico achatado com a tampa hermeticamente fechada com lacre. Este frasco devia ter um papel decisivo na conversa. Depois de longos esclarecimentos e objecções, a pasta recebeu autorização para acompanhar o seu dono. Pável Alekséevitch foi levado pelos infinitos corredores atapetados. Esta viagem pouco agradável lembrava uma espécie de pesadelo nocturno. Pável Alekséevitch voltou a lamentar não ter passado por casa. Dois *secretas* óbvios, um à direita, outro à esquerda, pararam em frente de uma porta:

– Entre.

Entrou. Uma secretária, saída de uma pintura de Renoir, com uma cara rosa-perlada brilhante, pediu-lhe que aguardasse. Sentou-se num austero sofá de madeira, abrindo os joelhos e colocando entre eles a pasta antiga do pai, que em tempos levava relatórios aos ministros de um Governo havia muito tempo enterrado... Pável Alekséevitch preparava-se para uma longa espera, mas foi chamado dois minutos depois. Naquele momento, o álcool já lhe havia atingido todas as sinuosidades do sistema nervoso e espalhara o seu sereno calor e calma. Numa sala deselegante, compridíssima, estava sentado a uma enorme mesa de trabalho um homenzinho de cara túmida, como que esculpida em sabão seco, uma das caras que drapejavam nos retratos sob o vento primaveril no dia 1 de Maio.

Tem os rins numa miséria, sobretudo o esquerdo, observou automaticamente Pável Alekséevitch para si próprio.

– Inteirámo-nos da sua carta – pronunciou o chefe partidário majestaticamente.

O tom de voz e o ligeiro desdém patente na sua cara davam a entender que a causa estava perdida.

Então, não tenho mesmo nada a perder, pensou Pável Alekséevitch e, lentamente, desprende as fivelas da pasta. O chefe calou-se, numa pausa gelada. Pável Alekséevitch extraiu o frasco rectangular, um pouco embaciado, passou a mão pelo vidro da frente e pôs o frasco em cima da mesa. O chefe, assustado, recuou na poltrona e, apontando com o dedo rechonchudo para o preparado, perguntou com antipatia:

– O que é que traz aí?

Era um útero retalhado, o mais potente e complexo músculo do organismo feminino. Cortado ao comprido e aberto, lembrava pela sua cor pardo-amarelada uma beterraba de forragem e ainda não se tinha descolorido no formaldeído forte. Dentro do útero havia uma cebola que lançara raízes. A monstruosa batalha entre o feto amarrado com os sólidos fios incolores e o semitransparente saquinho predador, que mais parecia um animal marinho do que uma cebolinha vulgar, boa para uma sopa ou uma salada, já acabara.

– Por favor, preste atenção. Isto é um útero grávido com uma cebola dentro dele. A cebola introduz-se no colo do útero e lança raízes. O sistema radicular penetra no feto e a seguir retira-se a cebola juntamente com este. Se correr tudo bem, obviamente. As azaradas vão parar à minha mesa de operações, ou então vão directamente para o cemitério... Estas últimas estão em maioria...

– Está a brincar... – recuou o homem do Partido.

– Poderia trazer-lhe um quilo destas cebolas – respondeu educadamente Pável Alekséevitch ao militante empalidecido. – A estatística oficial, e não tenho o direito de esconder este facto, não corresponde de modo algum à verdade.

O chefe ficou tenso.

– Que direito tem... como se atreve?...

– Atrevo-me, sim. Quando consigo salvar a vida de uma mulher depois do aborto ilegal, tenho de escrever na sua ficha médica «aborto espontâneo». Porque, se não o fizer, mando-a para a prisão. Ou a uma vizinha dela, que também tem filhos menores. Ora, metade das nossas crianças crescem sem pai. Esta cebolinha, acredite, é o mais engenhoso método de interrupção da gravidez, embora não seja o único. Agulhas metálicas de tricô, cateteres, tesouras, irrigações intra-uterinas de qualquer porcaria... tintura de iodo, bicarbonato de sódio, água com sabão...

– Pare, Pável Alekséevitch – suplicou o empalidecido funcionário, ao recordar que, antes da guerra, a sua mulher também recorrera a qualquer coisa desse género. – Chega. O que é que quer de mim?

– É necessário um decreto de legalização do aborto.

– Está louco! Não compreende que existem interesses de Estado, da nação? Perdemos milhões de homens na guerra. Debatem-nos com o problema de recuperar o nível de crescimento da população. O que está a dizer é conversa infantil – emocionou-se sinceramente o funcionário.

Não foi inútil ter-lhe trazido o frasco, pensou Pável Alekséevitch. A balança da conversa estava a pender a seu favor. Começara-a correctamente, tinha de a finalizar de modo também correcto.

– Perdemos milhões de homens, mas agora estamos a perder milhares de mulheres. Um aborto médico correcto não envolve risco de vida. – Pável Alekséevitch franziu o sobrolho. – Oiça, o aumento do bem-estar vai ditar, por si só, o aumento da natalidade... – Os olhos de Pável Alekséevitch cruzaram-se com os do funcionário. – Tantos órfãos abandonados! Os orfanatos, a propósito, também são alimentados pelo erário público... É preciso autorizar. Vai pesar na nossa consciência se...

O chefe contraiu os lábios, rugas profundas sulcavam-lhe a cara até ao queixo.

– Tire isto daqui... É preciso falar lá em cima – apontou com a mão para o alto.

– Então, deixo isto para si. Talvez lhe seja útil, não?

O dono do gabinete abanou as mãos:

– Está doido! Tire isso imediatamente daqui...

– Segundo as estatísticas, incompletas, muito incompletas, são vinte mil por ano. Apenas no território da Rússia... – Pável Alekséevitch ficou carrancudo. – É responsável por isso.

– Está a tomar muitas liberdades! – rugiu o funcionário do Partido e deixou de ter qualquer semelhança com o seu retrato do 1.º de Maio.

– É porque o camarada não quer tomar nenhuma – atalhou Pável Alekséevitch.

Com essa nota, despediram-se. O frasco ficou na mesa do dignitário ao lado do conjunto de caneta e tinteiro, adornado com a cachola de ferro fundido do escritor proletário¹⁰...

Esses primeiros anos do pós-guerra foram felizes para Pável Alekséevitch: a cátedra, paralisada durante a guerra, teve de novo direito a uma existência normal. Voltaram os dois melhores alunos de Pável Alekséevitch; no início da guerra, ambos receberam uma nova especialização e, durante vários anos, ficaram fora da prática da obstetria e da ginecologia. Na clínica, as vagas duplicaram. Na área científica, ainda não havia novas vagas, mas Pável Alekséevitch, mesmo nos tempos mais difíceis, conseguia fazer análise científica e acumular certas ideias que aguardavam o seu momento. Assim, reflectindo sobre o tratamento de um tipo de infertilidade feminina, aprofundou os problemas da oncologia nas mulheres e descobriu algumas pistas interessantes que relacionavam a gravidez com os processos malignos que surgiam no organismo neste período. O seu pensamento vagueava à volta do tratamento das doenças oncológicas por meio de inibidores hormonais do crescimento. O dom de intravisão não lhe dava respostas às questões que surgiam, mas ajudava-o a ver claramente alguns quadros gerais da vida do organismo. Pelo contrário, o quadro da vida da sociedade, do Estado, afigurava-se-lhe absolutamente obscuro. Como a muitas outras pessoas nos primeiros anos do pós-guerra,

10 Ou seja, o busto de Máximo Górkí. (*N. dos T.*)

parecia-lhe que os erros antigos, anteriores à guerra, se iriam desvanecer espontaneamente e a vida se iria organizar de modo razoável. O projecto por ele elaborado tinha de assegurar o mais rápido advento de um futuro luminoso, pelo menos na área da sua competência.

Contudo, e apesar da sua visita bem-sucedida, ao que lhe parecia, ao alto chefe, o projecto continuava parado, a comissão nunca mais começava a trabalhar, e Pável Alekséevitch, metódico e teimoso, ia batendo à porta da *Cavalo*, cada vez mais desconfiada, e não deixava de insistir em que chegara a hora de renovar o sistema de saúde pública. A ministra ouvia-o com benevolência: o rumor sobre a sua aventura no Comité Central já chegara aos seus ouvidos, mas, como não lhe davam quaisquer ordens directas, mantinha-se extremamente cautelosa com Pável Alekséevitch. Até achou proveitoso conceder-lhe alguns favores. Foi precisamente por iniciativa dela que, em finais do ano de 1947, atribuíram a Pável Alekséevitch o grau de membro correspondente da Academia das Ciências Médicas e, na mesma altura, deram-lhe um apartamento novo num prédio recém-construído destinado à elite médica. Era uma espécie de prémio adiantado pelas suas futuras proezas a nível nacional. O adiantamento era excelente: uma casa de três assoalhadas e uma despensa de sete metros quadrados junto à cozinha. De todos, era Vassilissa quem se mostrava mais contente. Pela primeira vez na vida tinha o seu próprio quarto. Ao ver a despensa, chorou:

– Ora aqui está, a minha cela, Deus permita que eu dê aqui o último suspiro.

Por mais que Elena a tentasse convencer a instalar-se no quarto grande, juntamente com Tánetchka, Vassilissa recusou.

Para os padrões daquele tempo, eram incrivelmente ricos, e esta riqueza apenas era equiparável à generosidade de Pável Alekséevitch, graças à qual nunca havia em casa dinheiro disponível. Duas vezes por mês, no dia de pagamento do salário, depois de um almoço tardio, Pável Alekséevitch proclamava:

– Elena, dá cá a lista!

E Elena trazia-lhe a lista daqueles a quem enviavam ajuda. Ainda antes da guerra, Pável Alekséevitch começou a ajudar a filha de uma

prima sua e a viúva do tio e uma velha enfermeira de cirurgia com quem, em tempos, começara a trabalhar, e o seu amigo dos anos de estudante, Iliá Goldberg, que, a partir do ano de 1932, se encontrava ora nos campos correcionais, ora nos lugares de deportação, ora em longínquos lugarejos da província.

Antes do casamento, aliás, não existia lista nenhuma, lembrava-se dos necessitados e mandava-lhes dinheiro, mas agora que a sua jovem mulher organizara a lista, acrescentando-lhe os nomes dos seus próprios parentes longínquos, de uma colega de escola que ficara a viver em Tachkent e de umas velhas ligadas a Vassilissa, Pável Alekséevitch começou a ganhar um certo respeito pelo seu elevado vencimento. Como o círculo de beneficiados era bastante vasto e mudava todos os meses, Pável Alekséevitch, ao passar os olhos pela lista, por vezes perguntava:

– Mússia... quem é? – E, ao ouvir o esclarecimento, acenava com a cabeça.

A seguir, Elena anunciava o total; então, Vassilissa ia depressa ao gabinete e trazia solenemente a velha pasta de couro. Pável Alekséevitch abria a pasta, separava a respectiva importância de dinheiro. De manhã, Vassilissa embrulhava cada montante em papel de jornal, depois todos os embrulhos juntos numa toalha velha (sabia-se lá porquê) e a seguir, apertando a trouxa com uma mão e agarrando-se com a outra à manga de Elena, ia com ela aos correios e ali, junto ao guiché, entregava finalmente o dinheiro a Elena, que enviava os vales.

Vassilissa mexia os lábios. Elena pensava que ela estava a contar o dinheiro. Mas não. Vassilissa rezava as suas orações predilectas. Vassilissa não tinha muitas palavras só suas, e habituou-se a falar com o seu Deus por meio de fragmentos de salmos e fórmulas de orações. Mas quando lhe apetecia muito acrescentar qualquer coisa da sua lavra, rogava à Virgem Imaculada: «alminha, querida, faz assim e assim, que seja tudo da melhor maneira...»

O mundo de Vassilissa era simples: no Céu havia Deus Nosso Senhor, a Mãe de Deus e os anjos, com todos os santos e a madre superiora no meio deles; e, na terra, Pável Alekséevitch em primeiro lugar, depois elas, a família, e todas as outras pessoas, as más de um lado,

as boas do outro. Pável Alekséevitch, aos olhos dela, era quase um santo: no seu hospital ajudava toda a gente, má e boa, como Deus Nosso Senhor manda. Inclusivamente as piores criminosas, as assassinas da vida. Mas que a preocupação principal de Pável Alekséevitch fosse obter a autorização legal para este crime, isso não lhe passava, por enquanto, pela cabeça.

No sexto ano de vida, Tânia cresceu muito, a redondez infantil desapareceu, sombras azuladas e húmidas surgiram-lhe debaixo dos olhos. A tosse ora cessava, ora voltava. Chamaram para a consultar Issaak Veniamínovitch Kezler, amigo e colega do falecido pai de Pável Alekséevitch. O velho passava dos oitenta, trabalhara desde 1904 no hospital pediátrico Russakov e, depois de se reformar, continuava a ir todos os dias ao mesmo hospital, onde lhe disponibilizaram um gabinete.

Issaak Veniamínovitch tinha um ouvido divino. De resto, até o aspecto exterior dos seus ouvidos era invulgar: as orelhas haviam-lhe crescido na velhice e eram murchas e secas como as de um elefante. Do centro das orelhas saía um feixe de pêlos brancos, os lóbulos grandes e alongados eram traçados por rugas longitudinais. Ao mesmo tempo, Issaak Veniamínovitch era meio surdo – mas só até ao momento de enfiar no ouvido um curto estetoscópio preto e de encostar a sua extremidade larga às costas da criança. O ouvido aguçava-se-lhe ainda mais quando encostava a orelha ao corpo do pequeno paciente, a estremecer de cócegas.

– Temos aqui uma primo-infecção – pronunciou Issaak Veniamínovitch, espetando o dedo abaixo da clavícula de Tânia. – No lóbulo superior direito. Vão ao Instituto de Pediatria, o doutor Khotímski faz-lhe uma radiografia... É na Rua Solianka, na Solianka...

Pável Alekséevitch acenou com a cabeça, conhecia muito bem esse edifício antigo ao lado da Ponte Ústinski, construído ainda no início do século XIX, sendo naquela altura um orfanato para enjeitados,

filhos de raparigas aldeãs, criadas e modistas da Moscovo babilónica que não conseguiram travar a tempo a gravidez indesejada...

Pável Alekséevitch fixou na filha, despida até à cintura, o seu olhar especial, concentrando-o alguns centímetros mais abaixo da superfície da pele leitosa, mas não sentia nada além da sua própria preocupação agitada.

– Infelizmente, é agora um fenómeno muito disseminado – murmurava Issaak Veniamínovitch, passeando os dedos junto ao ouvido de Tânia, depois de cima para baixo no pescoço, parando debaixo do queixo e seguindo para o fundo dos sovacos. – Linfático, linfático. Talvez a tiróide um pouquinho aumentada. E o apetite? Nenhum, é claro. Como é que o apetite pode ser bom? E os vômitos? Tem vômitos? *Heraus?*

– Sim, muitas vezes – confirmou Elena. – Uma colher a mais, e pronto, vomita. Deixámos de obrigá-la a comer mais.

– Pois, pois – respondeu o velho com satisfação. – Espasmódico. – Encostou o ouvido ao ventre. – Dores no estômago? Aqui? – Espetou o dedo num ponto preciso. – Puxões, pontadas?

– Sim, sim – respondeu Tânia com uma prontidão alegre. – Puxões, pontadas.

Então, é isso, admirou-se Pável Alekséevitch. *O velho tem ouvidos clarividentes. Ouvidos, e não os olhos nem os dedos...*

Ele próprio, por mais que se esforçasse, desta vez não via nada. Não se lhe abria o quadro habitual: a vista do homem por dentro, a misteriosa paisagem dos órgãos, curvas de rios, cavernas nebulosas, cavidades, os labirintos dos intestinos...

Sem desligar a sua visão desalentada, olhou para Issaak Veniamínovitch: a rubra luz do tumor maligno abarcava o estômago do velho professor-doutor. O foco estava no piloro, e um rebento de metástase rastejava pelo mediastino. Pável Alekséevitch fechou os olhos...

Fizeram-lhe uma radiografia. Encontraram alguns problemas. A análise do sangue confirmou o diagnóstico. As recomendações do velho pediatra eram surpreendentemente as da velha guarda. À criança foi prescrita a Suíça, dentro dos limites razoáveis, evidentemente. Ou seja, a Suíça dos arredores de Moscovo. Passeios de muitas horas,

dormir ao ar livre, tudo para grande terror de Vassilissa, que, sendo uma pessoa simples que crescera na aldeia, não acreditava no ar livre. Uma dieta, é claro, e óleo de fígado de bacalhau. Numa palavra, *A Montanha Mágica* de Thomas Mann, de que Issaak Veniamínovitch nunca tinha ouvido falar. E quanto a medicamentos: nenhuns, muito menos esse que era o último grito, para quê estragar o fígado e sobrecarregar os rins?

Pável Alekséevitch concordava, acenando com a cabeça, depois perguntou subitamente se o velho pediatra não desejava fazer um exame ao seu próprio estômago.

– Na minha idade, colega, todos os processos são lentos, tenho uma boa hipótese de morrer de pneumonia ou ataque cardíaco...

Sabe tudo. E tem razão, concordou silenciosamente Pável Alekséevitch.

Arrendaram, perto da cidade de Zvenígorod, uma grande casa de campo com aquecimento; a casa pertencia a um almirante de carreira que, pelo pecado insignificante de um roubo de grande envergadura, foi mandado para um exílio de honra no Canadá, com o cargo de adido militar da embaixada soviética. Naquele Outono, na Academia das Ciências, estavam a distribuir casas de campo, e disseram a Pável Alekséevitch que apresentasse também o seu pedido. Mas, por uma qualquer razão, recusou-se. Não poderia explicar bem as suas considerações, tinha apenas uma vaga sensação: aquilo eram presentes a mais, que factura teria de pagar depois? Nem sequer falou com Elena sobre essa proposta.

Instalaram Tânia e Vassilissa na casa alugada. Por mais que Pável Alekséevitch tentasse convencer Elena a largar o seu trabalho inútil e a ficar na casa de campo, ela recusou-se peremptoriamente: não queria despedir-se do seu emprego nem deixar Pável Alekséevitch sozinho na cidade.

A casa era enorme, de dois pisos, com aparadores e bufetes pseudogóticos, cheios de porcelanas e de todo o género de bugigangas. Em cada uma das duas salas, a de baixo e a de cima, no meio de um

rebanho de poltronas e cadeiras de madeira com espaldares entalhados, havia um piano. No andar de cima, um piano de cauda preto, de concerto; no de baixo, um piano de gabinete, com o tampo rachado, feito de pau-santo, marchetado de bronze. Não mantinha por muito tempo a afinação, mas isso viria a ser descoberto mais tarde, depois de Pável Alekséevitch e o guarda o mudarem para um dos quartos – o de Tânia. Apalavraram uma professora de Zvenígorod, que passou a vir três vezes por semana dar-lhe lições.

Algumas semanas depois, nos fins de tarde de domingo, na casa bem aquecida, Pável Alekséevitch e Elena sentavam-se nas poltronas entalhadas alemãs que cheiravam a pilhagem, como toda a mobília daquela casa, e Tânia tocava-lhes as tímidas peças aprendidas nessa semana...

Assim se passaram dois anos. Na memória de Tânia, os Invernos gravaram-se com muito mais intensidade do que os Verões. Talvez porque o Inverno russo é duas vezes mais longo do que o Verão. Mais tarde, Tânia recordaria a infância como um tempo de brancura, e não de doença. Uma dose matinal do doce leite de cabra numa caneca branca de porcelana; atrás das janelas, em baixo, os montes de neve, volumosos e ondulados, e em cima as almofadas de neve pequenas e arredondadas, dispostas como que para uma festa nos ramos de abetos; e o brilho do marfim do teclado, a que Tânia se sentava depois do pequeno-almoço, enquanto Vassilissa lavava a loiça. Depois, Vassilissa dava-lhe uma pequena pá e mandava-a retirar a neve das veredas. E Tânia empurrava a neve com a pá, até que Vassilissa lhe propunha um novo trabalho: dar de comer aos pássaros.

Como o quintal era enorme, Pável Alekséevitch construiu quatro comedouros, e Tânia passava horas a observar os dom-fafes de peito vermelho e os chapins de bochechas amarelas a comerem em cima da mesinha de madeira sob o alpendre inclinado. Às vezes, ela e Vassilissa pegavam em bidões – um grande e outro pequeno – e iam buscar água saborosa à fonte longínqua, a cerca de meio quilómetro da casa. Havia também uma fonte mais próxima, num extremo do quintal, mas acontecia que, quando nevava muito, ficava tapada pela neve e a água não chegava à superfície. Todos os dias iam buscar o

leite de cabra à aldeia, a casa de uma velhota, cuja cabra e cadela com cachorrinhos pretos viviam no átrio.

Tânia tinha sempre muitos afazeres. Não conhecia a diferença entre o trabalho e o divertimento. Nada lhe era imposto na vida. Começou até a gostar do óleo de fígado de bacalhau (que antes detestava) a partir do momento em que, numa ocasião, Vassilissa deu bocado de pão molhado neste óleo aos cachorrinhos pretos, que se atiraram à oferta como se fosse uma iguaria inédita.

Na felicidade da vida rural, perdeu o primeiro ano escolar, mas aprendeu o programa todo em casa. Lia bem, aprendeu a contar. O mais difícil era a caligrafia. Tânia ficava triste ao ver que não conseguia escrever com a letra bonita dos cadernos de caligrafia. Recuperou a saúde completamente. Issaak Veniamínovitch, que o poderia confirmar, já não pertencia a este mundo.

No fim do Verão, levaram Tânia para a casa de Moscovo. Entrou na escola, logo para a segunda classe. Os preparativos foram feitos com muito cuidado e minúcia. Costuraram-lhe um vestido escolar castanho de gola alta, a que se prendiam colarinhos e punhos brancos, e também manguitos pretos, dois aventais pretos e um branco, de gala, plissado nos ombros.

– Tal qual um anjinho – suspirou piedosamente Vassilissa.

E, com toda a sua alma infantil, ganhou respeito por Tânia: Vassilissa nunca frequentara a escola, e aquele uniforme escolar, que não foi feito aproveitando roupa velha, mas costurado a partir de um tecido de lã novo, parecia-lhe um sinal de mérito especial. Ainda pensou: *Que beleza, arranjada como se fosse para o caixão...* Na sua mente, aquilo não significava nada de mau.

Também lhe compraram uma pilha de cadernos azuis com mata-borrões porosos cor-de-rosa, um estojo de madeira com cheiro apetitoso e conteúdo precioso: lápis, borrachas, penas, tudo novo... Até as botas de Tânia foram feitas por encomenda numa oficina especial, apenas para os eleitos, à qual ninguém da família alguma vez recorrera.

Tânia tinha sonhado muito com a escola: fora-lhe prometido que iria arranjar lá as amigas que tanta falta lhe fizeram na sua feliz infância de tísica na casa de Zvenígorod.

No dia 1 de Setembro, Elena levou a filha à escola. Encontrou a professora e deixou Tânia, solitária e confusa, na sala de aulas, com a sua pasta pesada e um ramo de rainhas-margaridas de caules grossos. As raparigas com quem Tânia sonhava travar amizade eram em número excessivo. Faziam muito barulho, o que era um mal menor. O mais desagradável era a maneira de tocarem em Tânia com as mãos, na sua trança, no plissado do avental. Uma rapariga chegou a agarrá-la pela sua peúga branca...

A sala era tal qual Tânia imaginara. A professora indicou-lhe o lugar ao lado de uma rapariga gorda com tranças presas em roscas por cima das orelhas. A meio da aula, a vizinha empurrou-lhe o cotovelo, e Tânia fez um grande borrão na primeira página do caderno. Ficou hirta. Já lhe tinham acontecido coisas dessas quando escrevia nos seus cadernos solitários em Zvenígorod, mas agora ficara aterrorizada. Ainda não se tinha recomposto quando a colega de carteira, inclinando-se por debaixo do tampo, lhe beliscou com força uma perna. Tânia, então, percebeu que o empurrão também tinha sido propositado e chorou. A professora aproximou-se e perguntou o que se passava.

– Posso ir para casa? – sussurrou Tânia.

– Depois da quarta aula vais para casa – disse a professora com firmeza.

Pela primeira vez na vida, Tânia deparou com uma vontade alheia, com a violência, ainda que na sua forma mais ténue. Antes deste momento, os desejos dos outros e os seus próprios coincidiam de maneira feliz, e não lhe passava pela cabeça que pudessem ser coisas diferentes... Afinal, não, a vida adulta era aquilo: obediência à vontade alheia... Desde então, interiorizou que, para continuar a ser feliz, era preciso ter a certeza de que ela própria desejava precisamente o que lhe era exigido pelos adultos... É evidente que Tânia não reflectiu desse modo, o mais provável foi essa ideia lhe ter desabado em cima e começado a esmagá-la...

Até ao fim da quarta aula, ficou sentada num estado de estupefacção, nem sequer saiu para o corredor nos intervalos. As raparigas, de quem tinha esperado amizade, eram afinal umas macacas maldosas: saltavam à sua volta, puxavam-lhe as tranças, apontavam-lhe o dedo e riam maldosamente. Tânia tentava perceber por que razão lhe tinham ódio, não lhe passava pela cabeça que era a maneira de manifestarem o seu interesse por ela. Nem poderia imaginar que, volvidos poucos meses, essas mesmas raparigas iriam zangar-se e até brigar umas com as outras, encarniçadamente, pelo direito de fazerem par com ela, de estarem de serviço com ela na turma ou, simplesmente, de passearem com ela no corredor.

Descobriu-se que Tânia possuía uma qualidade rara e de difícil definição: tudo o que fazia – atar um lacinho, pôr uma capa no caderno, sacudir das mãos lavadas as gotas de água com o seu gesto peculiar, impetuoso, de palmas para cima, ou franzir o nariz quando sorria –, cada movimento dela, tudo se tornava notável e fascinante, e ela própria se tornava um modelo a imitar. Mesmo a sua maneira de agarrar com os dentes a ponta macia da trança quando estava absorta nos seus pensamentos foi imitada por todas as raparigas que tinham tranças...

Apesar dessa adulação, Tânia nunca chegou a gostar da escola. Rodeada de dezenas de raparigas que buscavam a sua atenção, sentia-se mais sozinha do que em Zvenígorod. Ainda mais sozinha do que ela sentia-se apenas Toma Polossúkhina. Embotada, com uma orla rubra e escamosa à volta da boca, era a pior aluna, a da última carteira. Uma rapariga encolhida, curvada, ao lado de quem ninguém se queria sentar...

Toma não fazia parte das admiradoras de Tânia: estendiam-se espaços cósmicos entre as duas...

Modesta, muito modesta foi a profissão que Elena escolheu, mas nunca se arrependeu da sua escolha. No trabalho, gostava de tudo: do estirador *Culmann* com luz incorporada e dos vários tipos de papel com que trabalhava: papel de decalcar opaco, parecido com gelo, papel *Whatman*, os *blueprints* lisos e azulados. Gostava do cheiro da tinta-da-china e do som que o lápis fazia. Gostava até dos processos mais insignificantes mas indispensáveis, que também exigiam habilidade – por exemplo, afiar o lápis...

Assimilou todos estes pormenores elementares logo no início da sua aprendizagem. Depois, passados um ou dois anos, ganhou gosto também pelo lado mais substancial, e muito tranquilizador, do maravilhoso ofício de desenhador técnico – qualquer objecto se exhibia em três perspectivas, o que bastava para ser descrito por completo, sem esconder nenhum segredo, sem nenhum fragmento oculto. Todo, tal como é...

Às vezes, parecia a Elena que, tal como todos os objectos, também os fenómenos eram passíveis de ser descritos em três posições – de frente, de perfil e de cima. Não só uma peça do motor do tanque de combate, mas também o vento, a dor de estômago, qualquer palavra pronunciada.

O seu professor foi o seu primeiro marido, Anton Ivánovitch Flótov, grande mestre do ofício (da arte, diga-se) do desenho técnico. Conheceram-se num lugar insignificante, obscuro, no curso de desenho, sendo Elena uma das estudantes e Anton Ivánovitch o professor.

O professor era velho de aparência, asseado e seco, embora tivesse apenas vinte e nove anos. Elena acabara de fazer dezassete anos e de sair de uma comuna agrícola dos arredores de Moscovo, a comunidade invulgar e muito estranha onde passou a sua infância. Esta comunidade inspirava-se nas ideias dos seguidores de Lev Tolstói e era dirigida pelo pai de Elena, Gueórgui Ivánovitch Miakótin.

A rapariga cresceu naquele ambiente insólito, absolutamente único, tendo aprendido a ler e a escrever a partir dos livros de Tolstói para crianças, mugido vacas desde pequena e trabalhado, sem brincadeiras, no campo e na cozinha da comuna. Esta rapariga, que tinha ouvido à mesa de jantar, em silêncio, as disputas sobre Vivekananda¹¹ e Karl Marx, e o canto em coro das canções tradicionais e das canções dos revolucionários da «Liberdade do Povo»¹², em Moscovo sentiu-se sozinha, rodeada por um mundo alheio e perigoso. A única pessoa em quem Elena tinha confiança era na sua avó Evguénia Fiodorovna.

Elena aproximou-se de Anton Ivánovitch, o seu futuro marido, não tanto por amor quanto pelo sentimento latente de culpa – da culpa irracional de ambos estarem «separados» da sociedade alegre e unida das pessoas inocentes, de não se conseguirem «fundir» nela. Os dois sentiam a sua lacuna social, mas não se protegiam dela com uma actividade política protectora, não batiam com a mão no peito amaldiçoando os seus pais inadequados. Pertenciam a outra espécie humana resignada, preferindo refugiar-se silenciosamente num recanto periférico da vida, debaixo de um arbustinho, de uma pedrinha, de um lugarzinho escuro e imperceptível.

Anton Ivánovitch provinha de uma família de arquitectos e construtores, uma parte da qual emigrou e a outra foi exterminada, e toda a sua herança se resumia à profissão de desenhador técnico. Por causa

11 Swami Vivekananda (1863-1902), destacado filósofo e activista social indiano, um dos mais influentes líderes espirituais do hinduísmo moderno e da filosofia Vedanta. (*N. dos T.*)

12 Organização revolucionária formada em 1879, depois da desintegração do partido «Terra e Liberdade». O principal objectivo da organização era obrigar o Governo a realizar reformas democráticas; a seguir, planeava lutar pelas transformações sociais no país. Um dos métodos da organização era o terrorismo. (*N. dos T.*)

da revolução, não chegou a ter formação em Engenharia pelo sistema alemão – a formação que tinham todos os rapazes da sua família. Mas era um desenhador técnico de primeira, trabalhava como projectista numa fábrica grande e dava aulas na escola técnica adstrita à fábrica.

Anton Ivánovitch, cauteloso e atento, antes de se aproximar de Elena, observou-a durante um ano; depois, durante mais um ano, encontrava-se com ela aos domingos; e apenas se casou no terceiro ano – sem uma grande paixão, mas de modo sério e ponderado, como tudo o que fazia.

Os pais de Elena não foram ao casamento: era a época das sementeiras, e o pai, assoberbado de trabalho, decidiu não ir e não deixou que a mãe fosse. No entanto, Gueórgui Ivánovitch convidou a filha e o genro a mudarem-se para casa dele, no Altai. As coisas na comuna corriam bem, e embora houvesse vários desacordos com as autoridades, os membros da comuna não podiam imaginar que, passados um ou dois anos, seriam todos detidos, metidos em prisões e campos correcionais, ou deportados para terras onde era impossível meter a pá e a picareta no solo.

Anton e Elena viviam em paz e sossego na casa da avó. O salário dava para uma vida modesta, mas Elena, de resto, não conhecia outra. Aliás, depois da sua infância na comuna, a vida em Moscovo parecia-lhe fácil e despreocupada. Não tinha, provavelmente, outros interesses além do desenho técnico.

Os chefes louvavam Elena como uma rapariga aplicada e competente. Uma vez que nos seus papéis estava escrito que provinha de uma comuna (o que, por omissão, dava boa impressão – não se mencionava que a comuna era dos seguidores de Tolstói), sugeriram a Elena que continuasse os estudos na escola técnica, mas ela não quis. Trabalhava com prazer no estirador, tão-só, e o próprio Anton Ivánovitch admirava o seu afinco no trabalho.

Um dia, Elena sonhou que Anton Ivánovitch lhe dizia uma frase simples, uma trivialidade, mas ela, em vez de ver a frase como era usual, de frente, viu-a de perfil: estreita como uma cabeça de peixe,

um pouco ondulada e esticada para cima como um triângulo agudo. Lamentavelmente, quando acordou não conseguiu recordar a frase; mas guardou o sonho na memória. Fixou-se-lhe na mente a hipótese de que qualquer frase tinha a sua geometria e que bastava um esforço para a captar.

Nas palavras há qualquer coisa de desenho técnico, reflectia Elena. Em tudo o que existe há um qualquer «carácter de desenho técnico», só que é impossível exprimi-lo.

Tentou falar disso com Anton Ivánovitch, mas este apenas abanou a cabeça:

– Que fantasias tu tens...

No entanto, de vez em quando esses sonhos repetiam-se. Eram absolutamente privados de sentido, não diziam nada que fosse passível de ser contado, mas deixavam-lhe na alma uma vaga e agradável sensação de novidade.

Agora que já passaram muitos anos e Anton Ivánovitch já não estava entre os vivos, e Elena escondera bem as fotografias dele — para que a filha não descobrisse por acaso que Pável Alekséevitch não era seu pai, mas seu padrasto —, cada vez que se sentava à sua mesa de trabalho, abria o velho estojo de desenho de fabrico alemão, herança de Flótov, e suspirava, recordando Anton Ivánovitch. Não havia meio de esquecer a sua culpa perante ele. Também continuava a ter sonhos «relacionados com o desenho», de quando em quando — para quê, porquê?...

Pável Alekséevitch não gostava do trabalho de Elena: fazia algum sentido que passasse horas e horas metida num gabinete de engenharia a fazer um trabalho cansativo? Não compreendia. Elena justificava-se:

– É um bom trabalho, e eu sou versada nele.

– Mas o que tem de bom? — espantava-se sinceramente Pável Alekséevitch.

– Não sei explicar. É bonito.

– Talvez — anuí-a Pável Alekséevitch. — Só que é bastante primário — ironizava ele.

– Ah, Pável, o que estás para aí a dizer! – ofendia-se Elena. – Não é nada primário. Às vezes até é muito complicado.

Pável Alekséevitch apanhava o instante em que a habitual expressão meiga de Elena se transmutava: sacudia ligeiramente a cabeça, os caracóis vaporosos por cima das têmporas, que lhe saíam sempre do puxo, estremeciam, as comissuras dos lábios franziam-se.

– Quero dizer que é tudo mecânico, não há mistério – mostrava-lhe o dedo indicador. – No dedo humano há mais mistério do que em todos os vossos desenhos.

Elena agarrava no dedo dele.

– Se calhar, só no teu dedo é que há mistério, nos outros não. Pois, mas nos desenhos, em vez de mistério, talvez haja verdade. A mais necessária das verdades. Bem, pode não ser a verdade inteira, apenas uma parte dela. A décima ou a milésima parte. A propósito, sei que cada coisa tem outro conteúdo, que não está no desenho... Não sei explicá-lo. – E largava-lhe a mão.

– Isso já foi dito antes de ti – sorria Pável Alekséevitch. – Por Platão. Chama-se *eidós*. A ideia do objecto. O seu conteúdo divino. Um molde divino para dar forma a todos os nossos objectos terrenos...

– Bem, isso não é para mim. É demasiado filosófico – esquivou-se Elena. Mas não se esqueceu das palavras de Pável Alekséevitch. Era aquilo mesmo, a filosofia. Já na comuna eram proferidas coisas semelhantes, mas naquele tempo Elena era muito pequena para as perceber e, ouvindo essas conversas, adormecia.

Pável Alekséevitch olhava para ela com um terno orgulho: que mulher lhe calhara! Mansa, taciturna, dizia apenas o necessário, mas se fosse obrigada a pronunciar-se, os seus raciocínios eram inteligentes e esmerados, a sua compreensão era profunda...

Por vezes, Elena tinha vontade de expor ao marido as suas reflexões sobre o «carácter de desenho técnico» do mundo, sobre os sonhos que tinha de quando em quando – sonhos sobre os desenhos de tudo: de palavras, de doenças, até de música... Mas não, não: era impossível descrevê-lo...

Dois videntes dos mistérios viviam lado a lado. Para ele, a matéria viva era transparente; para ela, abria-se com transparência, de certo

modo, um mundo diferente, imaterial. Mas não se abriam um perante o outro – não era por desconfiança, mas por pudicícia e por causa de um veto que, aparentemente, protege qualquer sabedoria secreta, onde quer que ela tenha sido obtida.

Descendente de uma longa e brilhante linhagem de médicos, Pavel Kukótski é um respeitado ginecologista com um dom quase sobrenatural para diagnosticar as doenças do corpo humano. Com a proibição do aborto imposta por Estaline em 1936, Kukótski testemunha os seus efeitos desumanos e luta incansavelmente para que este seja legalizado, colocando em risco a carreira profissional, bem com a harmonia da vida familiar — com a sua mulher, Elena, e a filha, Tânia —, que acaba por tomar rumos imprevisíveis.

Tendo como pano de fundo mais de meio século de história da Rússia — com prisões, deportações, o fim da era estalinista, os boémios anos sessenta —, *Caso Kukótski* é uma saga familiar, na melhor tradição do romance russo, sobre ciência e religião, liberdade e moralidade, genética e família, doença e vida. Vencedor do Russian Booker Prize, constitui uma das obras mais aclamadas de Ludmila Ulitskaya.

«O grande romance russo (...) não é uma coisa do passado. Há três décadas que Ludmila Ulitskaya escreve romances que recordam os grandes: Pasternak, Dostoiévski, Bulgákov...»

El Mundo

«[Ulitskaya] escreve e descreve com fina ironia e ternura a complexidade da vida na Rússia (...) e aborda na sua extensa obra (...) a personalidade, os traços e as qualidades da mulher que resiste, contorna e desmente a vulgaridade dos lugares-comuns.»

Júri do Prémio Formentor 2022



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897877582



9 789897 877582 >